

## EDUCAÇÃO PROFISSIONAL EM TEMPOS DE PANDEMIA

*Por Michele Waltz Comarú*

Caros leitores da EPT em revista,

Neste mês de abril do ano de 2020 lançamos mais um número com 9 artigos que, seguramente, contribuirão para o fortalecimento das discussões, reflexões e pesquisas na área da educação profissional. No entanto, imersos nesse momento da história mundial, de pandemia do novo Coronavírus inserida em um contexto de conflitos de interesses, de posicionamentos anticientíficos, de iminente caos social e de saúde pública, abro aqui neste editorial, uma reflexão sobre como a educação profissional, politécnica e omnilateral, conforme a defendemos, é importante.

Pensar nas relações de trabalho nesses tempos passou a ser assunto nos grupos de família e de amigos no WhatsApp. Afinal, há quem defenda que o mundo, o mercado, o trabalho e a economia não podem parar. Há quem entenda que antes disso tudo existem as relações de saúde e doença, os riscos de mortalidade, o avanço da doença, e o quanto as medidas de mitigação podem ajudar no combate ao vírus. E no meio de tudo isso estão os trabalhadores que dependem dos salários para subsistência e que, grande parte das vezes, não têm consciência do seu papel e dos seus direitos na sociedade e no mundo do trabalho.

Sigo a partir de agora, com alguns exemplos de situações relacionadas ao universo do trabalho para reflexão... o primeiro: *Home office*. Claro, em tempos de epidemia, no qual o isolamento social é necessário, a saída do trabalho de casa com uso dos recursos tecnológicos permite a permanência das tarefas possíveis e a garantia do salário e do emprego. No entanto, a rotina do confinamento é muito diferente daquela do trabalho fora de casa. No Brasil, especialmente para as trabalhadoras, já historicamente responsáveis pela dupla jornada de trabalho (doméstico e na rua)... agora com escolas fechadas, crianças em casa, risco do aumento da violência doméstica, habitações planejadas muito mais para repouso pós jornada do que para o convívio, como estabelecer novas rotinas de trabalho? Seu empregador mantém seu emprego e seu salário, mas quem paga sua internet mais veloz, a conta de energia mais alta, o consumo

maior de comida e produtos de limpeza? O trabalhador agradecido pelo emprego, se submete à essa situação sem ao menos questionar. Seguramente, por nunca ter compreendido sua situação como trabalhador, seus direitos, a importância da sua força de trabalho, sequer se dá conta dessa demanda e, assim, nem cogita reivindicar tais adequações ou reembolsos. A ideia da gratidão pelo emprego vigora. Num país de desempregados é mais que compreensível. E assim a discussão sobre a exploração do trabalho e as péssimas condições de vida do trabalhador permanece tabu.

Outro exemplo: As campanhas das redes sociais sobre *cortes de salários* (hora do funcionalismo público, hora dos trabalhadores do judiciário, hora dos políticos, etc). Há trabalhadores assalariados de diversos tipos. Há aqueles que ganham muito em relação a grande maioria; há aqueles que são considerados privilegiados por terem algum grau de estabilidade; e também aqueles que julgamos receber muito por um trabalho que não corresponde ao “valor do trabalho” que exercem (e aí poderíamos entrar na discussão do conceito da mais valia numa outra oportunidade). Independente desses pontos de vista, trabalhadores assalariados são, a princípio, uma classe – TRABALHADORES. Numa outra extremidade estão os donos dos meios de produção, aqueles que vivem à custa do trabalho dos outros e, por isso, pagam salários – BURGUESIA. (Importante: Não são os donos de pequenos negócios, micro e médios empreendedores, pertencentes a essa classe, uma vez que esses trabalham em seus negócios, se caracterizando, portanto, também como trabalhadores). E, no novo cenário do capitalismo moderno, há ainda aqueles que não pagam salários, vivem da especulação do dinheiro invisível, das bolsas e das flutuações de moedas e ações... esses são os RENTISTAS. Conhecer essa divisão socioeconômica da sociedade é minimamente ter consciência de classe. Em qual classe você se encontra? Se encontrando dentro da mesma classe, faz sentido trabalhadores assalariados reivindicarem prejuízos a outros trabalhadores, em nome de uma dita justiça social, ignorando totalmente a participação das outras classes nas consequências da crise social e econômica? Qual a participação/contribuição/responsabilidade que rentistas e burguesia assumem na crise econômica? Sim, porque a luta de classes está posta e fica muito mais a florada quando o dinheiro para combater um mal comum tem que vir de algum lugar.

Outro e último exemplo: empregadores que defendem a *exposição de empregados* aos riscos em nome da salvação dos negócios e dos respectivos empregos vinculados a eles. Soa no mínimo confortável para o empregador esse discurso, afinal, não será ele a contrair a doença e colocar em risco sua própria família. E ainda, mesmo que seu negócio venha a falir, teria ele um bom “pé de meia” que poderia garantir a manutenção do seu padrão de vida. Estou falando de SEGURANÇA FINANCEIRA. E quem garante a segurança financeira daquele que depende do seu salário? Uma vez, um motoqueiro entregador se acidentou e foi questionado sobre seu seguro, e ele respondeu: “Seguro da moto”? Observem, o trabalhador não tem consciência de que o seguro social é o que permite o mínimo de subsistência do trabalhador e da sua família numa situação de desproteção. Hoje, vivemos uma situação de completa vulnerabilidade do trabalhador. E onde estão seus direitos? Onde está seu seguro? Onde está sua proteção? **Não existe trabalho sem direitos!** Em outras palavras, historicamente a classe trabalhadora ficou tão desprotegida que se tornou refém do seu empregador. E essa exposição, essa extrema desproteção e vulnerabilidade se tornou um fator quase que de desumanidade diante do momento atual.

Esse editorial, estimados leitores, tem por objetivo provocar a nossa comunidade, de quem faz educação profissional, a respeito da importância – e relevância – da pesquisa e da educação para e no trabalho. Para que a classe trabalhadora, munida de informação e consciência, possa se proteger e sobreviver a esses e outros cenários que ainda estão por vir...

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Michele Waltz Comarú**  
**Instituto Federal do Rio de Janeiro**  
**Editora EPT em revista**